

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

OS CONTORNOS DA SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM

João Clemente de Souza Neto

UNIFIEO

j.clemente@uol.com.br¹

De acordo com a literatura, a socialização começa na infância e acompanha o sujeito no decorrer da vida. Tomamos como pressuposto que ela não ocorre apenas por meio da transmissão de regras e valores, mas é também resultante de um processo de aprendizagem, no qual o indivíduo se apropria de valores culturais e desenvolve outros.

A discussão dessa temática pressupõe uma determinada concepção de homem, de sociedade e de educação. A coesão entre indivíduo e sociedade se faz por meio da educação, que prepara o indivíduo para uma convivência solidária e ética. A esse processo, que influencia o indivíduo a observar os padrões culturais, as regras e normas de uma sociedade, chamamos de socialização.

A finalidade deste artigo é problematizar os múltiplos contornos da relação entre socialização e aprendizagem, assim como as questões a ela vinculadas. As teorias sobre socialização e aprendizagem aparecem de forma orgânica nos clássicos da sociologia, como Durkheim, Mannheim, Merton e Berger.

A socialização oferece uma sensação de pertencimento a um grupo e permite a construção da identidade. Quando se quebram os laços sociais, emergem o crime, a agressão, a indisciplina, o desvio, as práticas anti-sociais e outras patologias. De uma ou de outra forma, poderíamos dizer que ocorre a perda de sentido daqueles procedimentos que fortalecem os vínculos sociais.

A questão da socialização não se pode entender apenas como introjeção de valores e normas no indivíduo, por meios de mecanismos disciplinares e educacionais, como propõem os tecnicistas e os funcionalistas. É um processo dotado de caráter dialético, em que o indivíduo é produto e produtor de seu meio.

¹ Centro Universitário FIEO
Programa de Pós-graduação em Psicologia Educacional

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Ultimamente, a noção de socialização tem caído em desuso. Muitos educadores acreditam que se trata de um conceito vazio. Nossa perspectiva é de compreender que o ato de socializar refere-se a um processo dinâmico e não cristalizado. É um conceito agregador que não expressa uma condição estática. Conflitos, tensões e contradições permeiam a construção deste conceito, uma vez que o sujeito é também autor de sua história.

Conhecimento, socialização e aprendizagem

O desafio do conhecimento é ajudar a humanidade a se libertar das armadilhas geradas pelo reino da necessidade e construir o reino da liberdade. Sem uma teoria da liberdade, não existe uma emancipação humana ou vice-versa.

Buscamos sempre uma articulação entre a teoria e a prática. A teoria induz a descobertas. As práticas induzem a uma revisão quase permanente da teoria. A disjunção entre ambas conduz à cegueira e pode mesmo levar à barbárie. A práxis impõe um movimento de revisão, reconstrução, criação e recriação das categorias que explicam o mundo e a organização dos homens, bem como a dinâmica da natureza.

A politicidade é expressão concreta desse movimento. Temos muita dificuldade em produzir um conhecimento que abranja a totalidade, em função dos paradigmas disciplinares que reduzem os fenômenos e suas manifestações a determinantes que escamoteiam sua dinâmica. Nesse sentido, as interpretações são sempre parciais.

A sociedade disciplinar apresentou o conhecimento como algo estanque e separado da dinâmica da existência humana. Ao contrário, o conhecimento cria a história, assim como a história cria e produz o conhecimento. Vemos aí uma permanente via de mão dupla.

O processo de aprendizagem desencadeia a produção de um conhecimento científico, modifica o cotidiano, as relações interpessoais e atinge seu entorno. A sociedade contemporânea necessita da produção de um conhecimento engajado e comprometido com o desenvolvimento humano e da natureza.

Em contraposição aos pressupostos dos racionalistas e idealistas dos séculos XVI e XVIII, Marx tomou como base da reflexão que o pensamento e o conhecimento

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



são produtos das relações sociais, e não como estabelecia o pensamento alemão, que o conhecimento descia do céu para terra.

As premissas marxistas emergem das bases materiais e sociais, não são abstratas ou dogmáticas, estão circunscritas nas correlações de forças sociais, naturais, humanas e econômicas. A aprendizagem é uma das dimensões da práxis. Isto significa que defendemos a aprendizagem como processo, como ação, como reflexão e ação.

São os indivíduos reais, a sua ação e as suas condições materiais de existência, quer se trate daquelas que encontraram já elaboradas a quando do seu aparecimento, quer das que produziram por sua própria ação. [...] os homens produzem indiretamente a sua própria vida material. O modo como os homens produzem os seus meios de vida depende, em primeiro lugar, da natureza dos próprios meios de vida encontrados e a reproduzir. (Marx e Engels, 1980:18.)

Esse fragmento nos estimula a pensar que o conhecimento, a aprendizagem e a socialização se produzem numa teia que tem como tecelões homens e mulheres por uma perspectiva de interdependência, pois tanto a produção material quanto a cultural são a base para o desencadeamento do processo de aprendizagem.

Não existe ser humano sem história e vice-versa. As ações e os seres humanos alteram a natureza, assim como a organização social. Esse movimento, por sua vez, modifica a consciência e o agir humano. São alterações que conduzem a uma nova síntese, em busca de compreender a humanidade e a natureza. Nessa dinâmica, as categorias analíticas são recriadas, no sentido de melhorar a qualidade de vida.

A aprendizagem permite aos sujeitos descobrir que não estão mortos, que são protagonistas. Aqui, a certeza e a incerteza não são apenas imaginação, mas um momento em que todas as dimensões da vida se encontram e entrecruzam, no sentido de impulsionar o sujeito a agir, em vista de uma vida boa. Isto permite ao sujeito equacionar as suas necessidades e desperta sua criatividade.

Na base da aprendizagem, estão os paradoxos, as contradições, conflitos, valores, sentidos, ideologias e escolhas em movimento, e isto pode dificultar a compreensão dos fenômenos e acontecimentos do dia-a-dia da ação educativa. No

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



processo de aprendizagem, não deve o sujeito se deixar direcionar somente pelas necessidades aparentes.

Num universo em que nenhuma interpretação dos fenômenos é definitiva, mas sempre provisória, a continuidade do processo de aprendizagem e as interferências dos fatos repercutem sobre o conjunto das relações sociais, humanas e até mesmo naturais, em constante mutação.

A percepção de que um fenômeno possui diferentes níveis de compreensão, a ponto de parecer uma redundância afirmar a impossibilidade de compreendê-lo em sua totalidade, repercute sobre o fazer pedagógico do educador social (cf. Sartre, 1978:123). O homem é um ser que sofre, “um ser *impulsivo*. A emoção intensa, a paixão, é a faculdade do homem esforçando-se energicamente por alcançar o seu objeto. [...] A história é a verdadeira história natural do homem” (Marx e Engels, 1989:251).

Desde o nascimento, o ser humano necessita do outro, se faz com o outro e, nesta relação, constrói o conhecimento. O sujeito existe na relação com o outro. Isto ocorre desde o seu nascimento, na relação com a mãe. Quando fala do outro ou estabelece formas de vínculos, um sujeito acaba sempre por descobrir alguma coisa de si mesmo.

Na intersubjetividade, o sujeito aprende a apropriar-se de um aspecto da realidade ou dos acontecimentos e a transformá-lo, dando assim um sentido para sua história, por meio de sua capacidade criativa, que é a capacidade de interpretar o mundo e de transformar a realidade (cf. Hisada 1998:22).

A intervenção do educador social estabelece um novo tecido social no momento mesmo em que se realiza. Com isso, ajuda os sujeitos envolvidos a compreenderem e a extraírem forças emancipadoras de uma realidade de ordem e desordem, certeza e incerteza.

A razão dialética ou do esclarecimento reúne as condições para produzir um conhecimento que possa contribuir para a emancipação da humanidade. Ao mesmo tempo, que se possa contrapor ao discurso da razão instrumental de cunho mecanicista, bem como da fragmentação e da disjunção das dimensões do ser humano.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Nesse sentido, entendemos que a construção do conhecimento deve ser circunscrita nas contradições da vida humana, sem desvincular o homem da natureza, da história, do cotidiano e da vida. Quando regido apenas pela batuta da razão instrumental, o irracionalismo acabaria por conduzir a humanidade à barbárie. Desvelar a realidade a partir da razão do esclarecimento significa subsidiar os educadores sociais e os educandos para compreenderem a dinâmica da história e os valores da humanidade.

Quando apresentado como padrão social, o conhecimento acaba por reduzir a vida humana a um conjunto de normas. Daí a necessidade de se revisitar os paradigmas e de se elaborar uma adequação deles, para que possam refletir sobre indagações sociais e humanas, na linha de reflexão traçada por pensadores como Rousseau, Hegel, Marx, Lukács, Popper, Feyerabend e Khun.

Isso significa que o homem continua sujeito do universo e da história, e não um rompimento com o cogito cartesiano. O que se seguiu a Descartes foi uma explicitação do *cogito*, pela dialética, incluindo outras dimensões da razão, que ele não valorizou suficientemente. A dialética tem por objetivo construir um projeto de conhecimento voltado para o esclarecimento, a clarificação e a ilustração das relações humanas e sociais. Ela não somente nega o cartesianismo, também o assimila e transforma.

Acreditamos que [...] o ser não pode ser separado do pensar, o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto; se se faz essa separação, cai-se em uma das muitas formas de religião ou na abstração sem sentido. (Gramsci, 1984:70).

A aprendizagem como uma das estratégias de sobrevivência

É importante compreender a aprendizagem como estratégia, com base na história das pessoas.

Minha maior dor foi ver meu pai matar minha mãe e meus irmãos, e depois atirar em minhas duas irmãs. Minha irmã até hoje sofre com a cena que viu e traz no corpo a marca da violência. Ela perdeu o útero com o tiro que recebeu. E eu não pude fazer nada por ninguém. Às vezes, eu fico muito triste, que se eu tivesse entrado na frente, meu pai teria me matado e minha

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



mãe estaria viva e cuidaria das minhas irmãs. Pior foi servir de isca para a polícia atirar na cabeça do meu pai. Tem dia que eu acho que era melhor ter morrido. Tenho conseguido, com ajuda de pessoas e de Deus, viver com essa dor. Já cheguei à conclusão que essa dor é que nem meu braço, não dá para arrancar. Tenho duas idéias para diminuir o sofrimento. Uma é estudar, outra e construir uma família junto com minhas irmãs. (Depoimento de Arlindo, um jovem abrigado.)

A biografia de Arlindo é marcada por um sofrimento contínuo que já é constitutivo do seu ser. Está no ponto de encontro da objetivação e da subjetivação, como produtos de uma história concreta, feita de presente, passado e futuro, e que se realiza no cotidiano. Embora marcado por essa história, Arlindo tem conseguido lidar com o presente e projetar sonhos que o acalentam.

A aprendizagem é mais do que socialização. Não é apenas um enquadramento num determinado padrão cultural. É a capacidade que o indivíduo tem de enfrentar e de superar as marcas do sofrimento. Diria que o processo de aprendizagem saudável ajuda o sujeito a transformar o sofrimento num atributo, quando o sujeito conserva a capacidade de sonhar.

Aprendi com Freire, Fromm, José Joaquim e Lázara, que a aprendizagem deslancha quando o sujeito sonha. Os sonhos se enraízam na biografia e a transformam. Na história de Arlindo, percebe-se que o movem o desejo e o sonho de estudar e de construir uma família, quase como formas de compensar a perda da família primária.

A metamorfose humana é tecida numa via de mão dupla, onde se encontram a subjetividade e a objetividade. O mundo simbólico que move pessoas como Arlindo é produzido a partir do real e encontra eco na subjetividade. Esta dinâmica acaba por forçá-lo a reproduzir sua história. As marcas da exterioridade foram por ele internalizadas e conduzem o seu destino. Nesse sentido, o mundo só pode ser conhecido pela ordem do simbólico e da linguagem.

O depoimento permite evidenciar que aquele a quem não foram destruídos os sonhos e a esperança, apesar de suas tragédias, não perde a capacidade de inventar e de criar formas e alternativas de sobrevivência. A isto denomino aprendizagem. Aquele

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



que não consegue superar a dor e a frustração perde a condição de aprender. Tudo o que busca é

[...] vingar-se pela sua vida não-vivida, e o faz lançando-se à destruição total, de modo que pouco se lhe dá se ele destrói outros ou é destruído. Normalmente, a reação destrutiva à esperança destruída é encontrada entre os que, por razões sociais ou econômicas, estão excluídos dos confortos da maioria e não têm para onde ir, social ou economicamente. Não é a frustração econômica que conduz ao ódio e à violência; é o desespero da situação, as sempre repetidas promessas não cumpridas, que igualmente conduzem à violência e à destruição (Fromm, 1970:35).

O contrário de uma aprendizagem saudável pode-se caracterizar como práticas anti-sociais, desvio, marginalização, agressão, indisciplina, conflitos com a lei e com as pessoas. Tais procedimentos são como pedidos de socorro de quem teve destruída toda a esperança.

É necessário, como apreendemos com Arlindo, sonhar, ter um projeto de vida, canalizar nessa direção a força avassaladora que irrompe contra a vida. Quando o pedido de socorro fica sem respostas e se volta para a destruição de si e do mundo.

A realidade cotidiana dessas crianças abre clareiras à percepção de que o processo subjetivo as ajuda na apropriação do mundo real. Pela imaginação, elas buscam superar ou equacionar as contradições vividas, mas, apesar do sofrimento lhes ser, muitas vezes, ininteligível, não cessam de experimentá-lo cotidianamente.

É ilusório, no dia-a-dia, pensar que as aflições serão dirimidas, pois, de diferentes modos, são continuamente recriadas ou novos sofrimentos aparecem. Também não dá para pensar que os homens possam abandonar sua história, sua identificação com o cotidiano.

A aprendizagem requer, geralmente, um contexto de mudanças. Ou ocorre numa situação de conflito que envolve uma nova compreensão e atitude, em vista do agir humano. Assim, trata-se de um processo de maior amplitude e complexidade do que a socialização, uma vez que implica a produção de saberes que articulam a cognição, a

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



subjetividade e o contexto social. As transformações que sucedem no processo de aprendizagem provocam alterações no sujeito e no seu ambiente. Com Arlindo, essa hipótese ganha certo destaque.

Raimundo, uma das vítimas da seca do sertão nordestino, da fome e da falta de políticas sociais, é outro exemplo que ilustra a dinâmica da aprendizagem:

Graças à ajuda do Estado, eu pude estudar. Tenho dentro de mim uma força que luta para superar toda dificuldade. Tem dia que não tenho dinheiro para pagar o ônibus para vir à escola. Ando duas horas a pé. Gasto todo meu dinheiro para estudar. Às vezes, não tenho nem tempo de sair com minha mulher. E também porque não temos dinheiro. Espero terminar o curso e voltar para minha terra, e lá ajudar as pessoas a descobrirem o gosto e o prazer de conhecer o mundo. Tenho medo de decepcionar a minha mãe que morreu e meus familiares. Da minha casa, entre meus parentes, eu sou o primeiro a fazer um curso superior. Meu pai e meus primos, quando vou lá, ficam me perguntando o que é a universidade. Eu falo dos quadros de arte da Faculdade, dos professores, dos colegas, mas também dos professores da quinta à oitava e do colegial. A lembrança que guardo é de um monte de gente morrendo. E tinha a tristeza de quem ficava. Minha mãe morreu, eu era pequeno. Não sei direito do que ela morreu. Só que me falaram que ela tinha morrido. Depois, meu pai casou novamente, teve mais filhos e eu sentia que ficava de lado. Um dia, eu disse: Vou mudar a situação. Tinha uma carta de minha mãe que eu não sabia ler. Era para mim. Então, resolvi aprender a ler. Estudei até a oitava série. Depois fui para uma cidade próxima e fiz o colegial. Aí vim para Carapicuíba e conheci um homem, dono de um bar. Eu disse para ele que podia trabalhar no bar se ele me pagasse a faculdade e me desse um pouco de dinheiro. Aí, trouxe minha namorada e casei. Combinamos que eu faria a faculdade e ela o colegial. Depois, voltaríamos para trabalhar na educação em nossa cidade.

O depoimento deixa transparecer que a subjetividade é uma força impulsionadora, construída no decorrer da existência. O sujeito criativo, empreendedor e ético nasce quando o permitem as escoras sociais e sua estrutura interna. Não há

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



mudanças no cotidiano e na história sem a participação do sujeito que, neste processo, produz sentidos.

No município, o sujeito deve lutar para eliminar formas e práticas de autoritarismo que repercutem para além dos limites geográficos da cidade. Deixar-se dominar ou explorar fortalece a prática tirânica, leva ao esquecimento da liberdade, ao abandono da amizade, à perda do gosto e do desejo da liberdade e da felicidade.

Livres por natureza, os seres humanos criam mecanismos de aprisionamento, cadeias e sistemas de exploração, e julgam, assim, satisfazer suas necessidades. O processo de aprendizagem e a construção da subjetividade, pautado na ética, ensinam que a justiça, a liberdade e o desejo nunca morrem, só ficam adormecidos. Vez a vez, despertam e se recriam pela ação das forças sociais e dos sujeitos. A aprendizagem saudável pode desencadear a ética da amizade, que se opõe à servidão.

O exemplo de Fernanda, menina de rua que conseguiu aprender com o sofrimento e elaborar um projeto socializador, permite observar a dinâmica da aprendizagem:

Lembro, quando era pequena, que catava coisinhas, uma aqui outra ali [...] Tinha pessoas que davam dinheiro para a gente pegar ferros elétricos, correntes e outros 'treco's' pequenos, nas casas dos outros [...] A gente pedia comida, doces [...] Andava de um canto para o outro. Ficava andando o dia inteiro. Quando chegava a noite, ficava triste. Aí me juntava com meus irmãos, num grupo de meninos e meninas [...] Até o dia que mataram minha mãe. Meu pai desapareceu, nunca mais soube dele. Fui viver num abrigo com meus irmãos. A gente ia de um abrigo para outro. Tinha um lugar para ficar [...] Mas nesse muda pra lá e pra cá, meus dois irmãos menores sumiram. Ficamos só eu e meu irmão. A gente estudou até a oitava. Casamos e temos nossa vida. Tenho uma tristeza de não saber quase nada da vida da minha família. Às vezes, parece que eu vivo que nem planta que não tem história pra contar. Eu me apeguei na religião e no amor aos meus filhos e ao meu irmão. Isso me dá uma convicção de que tenho que levar a vida para a frente. (Depoimento de Fernanda, ex moradora de rua e abrigada.)

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Nesse exemplo, vemos que aprendizagem se constrói na forma de lidar com os desafios da vida. As privações transpassam o depoimento de Fernanda, mas evidenciam o modo pelo qual ela olha para frente, sem se deixar abater e dominar pelas circunstâncias. A perda e a privação, quando acolhidas e trabalhadas, podem ser impulsionadores do sujeito que busca uma vida boa. Nessa área, deve-se observar

cl clinicamente toda a sintomatologia da tendência anti-social, e aí aparece o furto como um sinal de esperança, talvez muito temporária, é certo, mas positiva enquanto dura, e antes que se dê uma regressão para a desesperança [...] Quando as coisas correm bem, [...] a criança chega ao pleno reconhecimento do objeto, no momento da experiência instintiva, como parte da mãe que está constantemente presente. [...] quando o objeto, ou seja, a mãe, continua existindo e desempenhando o seu papel, o senso de envolvimento é gradualmente fortalecido. É o florescimento desse processo que resulta nessa coisa madura a que se dá o nome de capacidade para o luto. (Winnicott, 1995:141.)

As perdas podem auxiliar no desenvolvimento da criatividade, na busca de novos espaços, no fortalecimento da esperança. Mas podem, igualmente, conduzir à depressão e à desesperança, quando o indivíduo se deixa levar pela frustração e não consegue se desvencilhar dos acontecimentos. Após essa digressão, gostaria de retomar alguns aspectos que servem de apontamentos da análise marxista, para serem aplicados para elucidar o processo de aprendizagem.

O primeiro princípio é que a realidade é uma síntese de múltiplas determinações. Esta afirmação pode nos levar à inferência de que a dificuldade de aprendizagem de uma criança, de um adulto, de um jovem deve ser apanhada não por um único fator, mas por uma constelação de fatores, desde a história do próprio indivíduo, o desejo, o meio ambiente, as relações afetivas, os aspectos biológicos. Entre esses fatores, podemos evidenciar um fator determinante, tomando o cuidado de não transformar o educador e o educando em objetos de convicções teóricas.

Outro princípio é que se o homem é resultado da história, não é menos verdade que ele a produz. Não há entre esses dois aspectos uma disjunção, mas uma

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



correspondência que provoca transformações permanentes. Nesse sentido, não existe um determinismo da história sobre o indivíduo e nem o contrário. Esses dois pressupostos não devem ser compreendidos como uma soma, nem como uma via de mão dupla.

O terceiro princípio é de que não basta conhecer a realidade, é preciso transformá-la. O conhecimento se torna importante para o sujeito, à medida que é resultado de sua própria experiência e da experiência da comunidade. A partir dele, o sujeito se transforma e influencia na mudança de seus companheiros e do espaço em que está inserido. O conhecimento não é só uma abstração, é uma ferramenta que facilita o viver bem e melhor.

Finalmente, um quarto princípio diz respeito à ação e reação humana sobre a natureza e os outros homens. Esta relação permite ao homem se descobrir. A educação contribui para que o sujeito possa aprender a negociar sua subjetividade com a objetividade. Se fosse apenas produto da subjetividade, o sujeito entraria em desespero. Se se restringisse à objetividade, não suportaria isso, e cairia na loucura. Um sujeito saudável e maduro sabe articular essas duas dimensões, enquanto pese que o homem é sábio e demente. Às vezes, necessita deixar-se conduzir um pouco pelo mundo externo. Outras vezes, deve irromper contra ele. Sempre numa perspectiva de correspondência.

Aqui não podemos fazer um julgamento do que é bom e do que é mau, mas sim do que é necessário para o desenvolvimento saudável do homem, na ligação entre o *demens* e o *sapiens*. Essa dialética entre a consciência e a inconsciência é que impulsiona o sujeito a romper com a paralisação e o conformismo, a encontrar sentidos para a vida, que correspondam a seus anseios.

O futuro é também consequência da arquitetura humana, realiza-se pela emergência do homem autocriador, capaz de maquinações e manobras num espaço delimitado pelas circunstâncias e não num espaço aberto dominado pela radical liberdade de escolhas.

Neste período de avanços tecnológicos, culturais e políticos, que lançam raízes na forma de se compreender e de se explicar o ser humano e os fenômenos sociais e

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**
Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



naturais, a prática pedagógica democrática contribui para a construção do homem autocriador.

A práxis do educador social ajuda a compreender melhor as proposições de que o homem faz a história e a história o faz. A história se constrói de acontecimentos inesperados ou não, de destruição e construção sucessivas, pela interação entre o sujeito, a natureza e a sociedade. Em determinados contextos, o sujeito assume crenças e valores, aprende a viver, conviver e fazer, tem consciência da morte.

Nesse sentido, podemos afirmar que o sujeito é aquele que consegue sonhar e ter um olhar antitrágico, que se apropria de sua história como motivação para um projeto de vida e luta para transformar sua realidade de morte em vida. Cada sujeito inventa e cria sua história. Quem não consegue sonhar e esperar, mesmo com ajuda de outras pessoas, talvez não supere suas tragédias. Os sonhos e o olhar antitrágico alocados no sujeito necessitam, para concretizar-se, das formas de navegar e das variáveis de manobras da exterioridade.

Por essa perspectiva, a socialização e a aprendizagem têm como objetivo ajudar a criança e o adolescente, que são definidos como feixes de pulsões e de imaginação, a serem sujeitos, autônomos, capazes de agir e de “ser agidos”, de comandar e de ser comandados, de “[...] aprender a aprender, aprender a descobrir, aprender a inventar” (Castoriadis, 1992:156), aprender a extrair energia das adversidades.

Essa visão extravasa a simples interiorização das normas, regras e instituições. É também transformá-las. Este é o papel do sujeito (Souza Neto 2002:172). Se dizemos que o sujeito é um ser inacabado, também afirmamos que ele é um “eterno aprendiz”. Cada acontecimento estimula sua potencialidade de encontrar saídas e de construir um saber. Para nós, aprendizagem é também uma forma de reagir a situações diversas.

Referências

CASTORIADIS, C. (1992) *O mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FROMM, Erich. (1970) *A Revolução da esperança*. São Paulo: Círculo do Livro.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



GRAMSCI, A.(1984) *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HISADA, S(1998) *A utilização de histórias no processo psicoterápico*. Rio de Janeiro: Revinter.

MARX E ENGELS,(1980) *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

____.(1995) *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70.

SARTRE, J.-P. (1978) *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril.

SOUZA NETO, João Clemente de. (2002)*Crianças e adolescentes abandonados, estratégias de sobrevivência*. São Paulo: Expressão & Arte.

WINNICOTT, D. W. (1995)*Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.